FRANCESES NO CEARÁ

RAIMUNDO GIRÃO

É fora de dúvida que a presença de franceses no norte do Brasil foi o motivo do maior interesse que despertou a Metrópole portuguesa para a conquista do Ceará.

Fracassada a empresa de Nicolau Villegagnon no sul, com a finalidade de montar-se ali uma *França Antártica,* idearam então os franceses fundar outra feitoria chamada *França Equinocial,* fonte de melhores escambos com os nativos, cuja amizade muito bem sabiam captar.

Instalaram, com efeito, no Maranhão, graças ás actividades de Jacques Riffault e Charles des Vaux, sob a proteção velada de Henrique IV, a desejada feitoria e, dai por diante, passaram a ser objecto de sérias cogitações da coroa portuguesa, agora toda empenhos para levar até os confins do norte a sua expansão civilizadora. Sem demora (1598) foi cravado no litoral do Rio Grande o forte dos Reis Magos, o que se fez — escreve Frei Vicente do Salvador, o primeiro dos nossos narradores históricos — "para tirar dali aquela ladroeira dos franceses."

Mas entre esta fortificação confiada a Jerónimo de Albuquerque e a ilha de São Luís estendia-se a costa árida do Ceará, numa sequência monótona de areias alvas e sem acessos fáceis aos navios, povoadas de silvícolas belicosos para aí refluídos aos golpes arrasadores dos *Perós*, como por eles eram denominados os lusitanos.

Por isso é que sómente em 1603 se tentou explorar essa região de aparência desértica, vindo numa expedição ou "bandeira" o açoriano Pero Coelho de Sousa, com o objectivo expresso de "impedir-se o comércio de estrangeiros que contra pazes capituladas e fora da abediência a seu rei vêm a portos deste estado... donde se sabe haverem levado amostras de ouro a suas terras."

Pero Coelho com os seus soldados e índios avassalados atingiu a Serra da Ibiapaba e, metendo-se em combate contra os aborígines, viu-os já auxiliados por muitos franceses, mais exactamente dezeseis deles, dos dos quais prendeu dez, fugidos os restantes.

Esses *maires* — assim chamavam os antóctones, em contraposição aos "perós" — eram comandados por Adolphe Mambille, nome que alguns escrevem Bombille, achavam-se armados de mosquetes e se haviam fixado naquela montanha desde 1590, por ventura.

Para os fins deste modesto estudo é de muito apreço este encontro de gentios aliados a filhos da França, pois que denuncia terem sido estes os primeiros a pisar a terra cearense, mantendo trocas mercantis e produzindo mamalucos que transmitiram aos descendentes o sangue gaulês, antes que o fizesse o dominador legítimo. Yves d'Évreux pretende que o "tuxaua" Jurupariaçu (Diabo Grande), vencido por Pero Coelho, era filho de francês com índia e, por isso, aliado natural deles.

Há, deste modo, um fundamento histórico nesta nossa espontanea e nunca diminuida aproximação afectiva que nos leva ao tão sediçamente decantado e na verdade sincero "amor da França", de que se enche a alma brasileira.

Dir-se-á que fora periódico, efémero demais tal encontro racial, porém não é possível negar o seu simbolismo, a força da sua expressão sentimental. Talvez não tenha ido além do significado de uma semente que não cresceu em árvore copósa, mas na realidade medrou e deitou raizes no seio deste chão quente ás vezes semi-calcinado, que é no nosso chão pátrio, objecto das nossas dores e também razão dos nossos orgulhos e prazeres.

Os liames que unem os factos de nossa singela história de povo em formação étnico-política, encadeiam aqueles começos do século 17 aos dias de hoje. São ainda as lutas em torno da França Equinocial que, novamente conduzem os francos ao contacto das praias do Ceará, em 1612, quando, saindo do porto de Cancale, na Bretanha, e, buscando o Maranhão, toca em 11 de Julho a enseada do Mucuripe e no ia seguinte a baía de Jericoacoara ou Buraco das Tartarugas a frota dos Senhores de la Ravardiére e de Rasilly.

Eram três navios — "Regente", "Charlote" e "Sainte-Marie" — repletos de soldados, colonos e frades capuchinhos, no meio destes Claude d'Abbeville e Yves d'Évreux, que se tornaram famosos como cronistas da história do Brasil, através dos livros deixados por ambos: o primeiro com a sua "Histoire de la Mission des Peres capucins en l'isle de Maragnon et terres convoisines" (Paris, 1614) e o outro com o seu "Suite d'Histoire des Choses plus memorables", cuja primeira edição foi quase completamente destruida "par fraude et impieté, moyennant certain somme de deniers entre les mains de François Huby, imprimeur", como se explicou depois.

A nobre armada, que tivera na sua organização o irrestrito patrocínio de Marie de Médicis, a Rainha regente, e do ministro Conde de Damville, demorou doze dias naquela região "das matas do pau de dores" — simile do pau brasil — ali tão abundante, entregando-se os seus componentes aos deveres do reabastecimento e ás distrações da caça e da pesca.

E exactamente dois anos após (Junho de 1614) ali esteve outro barco francês, comandado por Du Prat, carregando trezentos homens além de doze missionários, entre os quais Frei Archange de Pembrock. Estivera no dia 15 em Ceará (Fortaleza) com o intuito de desembarcar, sem contudo fazê-lo, dada a mediação do Padre do presídio, Baltasar João Correia, junto aos capuchinhos do navio e, diferentemente de Ravardiére, não conseguiu descer na Jericoacoara senão algumas dezenas de soldados, que foram sem demora valentemente repelidos pelos de Manuel de Eça, havia pouco chegado para dirigir o precário reduto ou fortim de N. Senhora do Rosário. Du Prat procurava o Maranhão, para onde, de facto, imediatamente "fez vela sem mesmo ter feito aguada" e sem dar oportunidade a que d'Eça lhe mandasse em tiro os peloros que, ás carreiras, durante a noite, fabricara dos pratos de estanho encontrados no acampamento.

Esses acontecimentos são contemporaneos da primeira estada de Martim Soares Moreno no Ceará, pois viera em Janeiro de 1612 e de pronto entrara em cena contra os piratas estrangeiros, que a inúmeros liquidou como meio mais prático de iniciar aqui a posse lusitana.

Moreno escreveu em 1618 a "Relação do Ceará" e nela conta, a título de serviço prestado a seu El-Rei, que só no dito ano degolou mais de duzentos franceses e flamengos e lhes tomou três embarcações, uma destas enviada a Sua Majestade "toda a popa e a proa douradas", e valendo-se, para alcançar êxito nesses assaltos e colher informações, do recurso de despir-se nu, raspada a barba e tinto o corpo de negro, afim de parecer-se índio e, dessa forma, falando a língua nativa, que conhecia com perfeição, poder ir até o inimigo desprevenido.

A história cearense relata que a fortificação mantida por Soares Moreno no Siará foi tomada em 1637 pelos holandeses, e que estes em 1644 sucumbiram totalmente, mortos pela indiada em revolta, até que de novo aqui voltaram os homens do Conde de Nassau, em 1649, desta vez comandados por Matias Beck, o qual permaneceu no seu forte até a capitulação geral dos flamengos, no Recife.

Revivia o domínio luso, mas pobre, tacteante, negligente, mal cosservando a continuidade da administração militar neste trato da Colónia considerado "sem proveito algum" na correspondência oficial. Havia apenas o presídio do Siará, guardado de pequena tropa, e na penetração do interior só os padres da Igreja se arriscavam, afoitos no seu missionamento, visando principalmente á Ibiapaba, onde era maior a concentração indígena.

O célebre jesuita António Vieira, o grande Padre Vieira dos afamados sermões, os dirigia, mandando-os do Maranhão ou mesmo vindo cá, e afora vários outros foi parte saliente nesse movimento de evangelização o Padre Jacob Cochleo, francês de Philippeville, Artois, nascido em 1629 e ingresso na missão do Ceará em 1662.

Foi de devotamento e sacrifício o seu sacerdócio nestes matos, agrestes até 1673, tempo em que o chamaram para o Rio de Janeiro, de cujo Colégio foi Reitor. Acabou figura de alta nota na vida religiosa do Brasil, pelas inumeráveis conversões que alcançou de ingleses, holandeses e dinamarqueses na Baía, a ponto de ter falecido ali, no ano de 1710, "em cheiro de santidade." O Padre Cochleo tivera quartel na aldeia de Parangaba e daí, de quando em quando, ia á Serra Grande na sua catequese de apaziguamentos difíceis. "Trabalhou muito nessa vinha de Deus, não só a ensinar os Índios, mas também a ajudar os portugueses no presídio da Fortaleza".

Ainda nessa mesma Ibiapaba se localizaram no século seguinte outros franceses, técnicos de mineração contratados para a exploração da prata no lugar Ubajara (1744). Entre esses mineiros figuram Jean Christophe Sporgel, que era o chefe, Martin Fugeor e Jean Fontenelle e, se dos outros as crônicas não nos fornecem melhores notícias, o mesmo não acontece com o último, que se sabe filho de Jean Pierre Fontenelle e de Suzanne Moline e patriarca de numerosa família, hoje com extensa e ilustre irradiação, não só no Ceará como noutros Estados brasileiros, notadamente o Piauí, o Maranhão e a Capital do País.

Localizando-se na então Vila Viçosa Real, atual cidade de Viçosa do Ceará, casou-se Fontenelle duas vezes: as primeiras núpcias com Ana Correia da Luz, das quais resultou uma filha que morreu na infancia e outra que se casou com Domingos João de Almeida Mascarenhas, e as segundas, em 1767, com Umbelina Maria de Jesus, filha do português António Gonçalves Rodrigues e baiana, de Jacobina. Deste último matrimônio é que, através dos seus nove filhos se gerou a importante família que vem por todos os modos honrando a genealogia nacional, tais os elementos de real valor que abrilhantam as letras, as armas, as ciências e a vida pública do Brasil. Bastaria citar nomes de descendentes Fontenelles como estes, para ter-se ligeira idéia de como o prolífero varão se há desdobrado: General José Bezerril Fontenelle, que foi presidente do Ceará, General Raimundo Vilarongo Fontenelle, Brigadeiro do Ar Henrique Dott Fontenelle, Drs. Antonino da Cunha Fontenelle e Humberto Fontenelle da Silveira, professores de direito, José Domingos Fontenelle, José da Cunha Fontenelle e Cesar de Morais Fontenelle, magistrados no Ceará e Ari Fontenelle no Rio de Janeiro, Jorge Dott Fontenelle, Clóvis Barreira Fontenelle, advogados de notoriedade, Manuel Fontenelle, médico em Vitória, Estado do

Espírito-Santo, Joaquim da Cunha Fontenele, em São Paulo, Lincoln Fontenelle Guimarães, em Pernambuco, Edilson Bezerril Fontenelle, em Salvador, José Paranhos Fontenelle, higienista conhecido, Edmundo Bezerril Fontenelle, professor de Engenharia em Belo-Horizonte, Manuel Benício Fontenelle e Oscar Fontenelle, deputados federais, Dário Bezerril Correia Lima e António Coelho de Albuquerque, Ministros do Tribunal de Contas, uma enumeração que não terminaria. Jean Fontenelle morreu em 8 de Dezembro de 1809 e os seus restos mortais se guardam na igreja matriz de Viçosa.

Durante o século passado é que, entretanto, se fez preponderante a influência francesa na vida cearense, a começar pela actuação de Pedro Labatut, o velho soldado de Napoleão, marselhês que as circunstancias empurraram da Europa para a Colombia e de lá para o Brasil. Viera residir no Rio e pusera-se ao serviço do governo brasileiro. Adquiriu propriedades e ostentava "certa opulência e conforto, tratando-se como homem de alta hierarquia." Incorporado ao nosso Exército como general de brigada, afora outras incumbências lhe deram a de vir pôr termo ás lutas provocadas no Ceará pelo caudilho Pinto Madeira, partidário de Pedro 1° a enfrentar, no sul da Província, os adeptos do partido liberal protegidos pela Regência. Desembarcou Labatut em Fortaleza no dia 23 de Junho de 1832 e, não encontrando o presidente José Mariano na capital, rumou o sertão, indo directamtnte para a cidade do Icó e ali recebendo o comando das forças legalistas, no momento em que, na realidade, já se achava destroçado o inimigo. Providencial a interferência de Labatut, porque tratou os vencidos com a magnanimidade dos verdadeiros e nobres vencedores, o que não teria acontecido se tivesse ficado ao guante dos legalistas locais o destino dos rebeldes, tal o ódio que os animava naquelas épocas de sede de sangue, de vinganças atrozes e nenhuma educação política e militar. Discrepava, agindo assim, das cruas instruções de José Mariano e escrevia nas suas proclamações: "os povos estão cansados das suas pesadas desgraças. Cumpre ter humanidade com aqueles que, instrumentos cegos de perversos cabeças da revolta e sedição, desejam retirar-se aos seus lares para cuidarem da manutenção de suas famílias, que é necessário amparar e proteger."

Labatut que, segundo a descrição de João Brígido ao traçar-lhe a biografia, "era de formas agigantadas, corporatura fora da craveira nacional, os pés excedendo as formas do País, a voz dissonante e a expressão bastarda de um francês vasconço e de um português saturado de colombiano". Possuía os sentimentos brandos e transigentes dos grandalhões estouvados, tal como as feias ostras encerram lindas pérolas e, por isso, terminou indispondo-se com o presidente da Província e passou a ser acremente criticado pela imprensa governamental e afinal se retirou para a Corte, indo mais tarde residir na Baía onde faleceu como marechal

de campo em 1849 e tem o corpo guardado no Panteon de Pirajá.

Ao referido Presidente José Mariano sucedeu no governo da Província o Padre José Martiniano de Alencar, sem dúvida o mais esclarecido dos nossos dirigentes, e durante a sua profícua administração diversas iniciativas inteligentes tomou. Uma delas consistiu na vinda de colonos estrangeiros especializados que com a sua experiência e os seus conhecimentos mais adiantados pudessem instruir melhormente o trabalho econômico do homem cearense. E é certo que os primeiros desses colonos foram mobilizados em Saint Cloud, na França. Infelizmente não produziu o desejado efeito a medida do Senador Alencar, dado o erro de escolha dos técnicos e o facto de terem chegado quando o admiravel governante já deixara a Presidência. Ao Padre Alencar serviu com toda a eficiência o engenheiro francês Jean Seraine, arquitecto e realizador de grande número de obras indispensáveis ao conforto e embelezamento da cidade.

Outros engenheiros compatrícios de Seraine emprestaram, posteriormente, o seu concurso valioso ás coisas do Ceará e merecem indicação especial Pierre Florent Berthot, contratado para estudar o porto de Fortaleza, Amadé Ernest Barthelemy Mouchez e Emile Gengembre. Berthot procedeu a detidas observações a respeito das causas da nossa tortura portuária e demorou no Ceará quatro anos: de Julho de 1858 a Maio de 1862. Mouchez, o reputado astrônomo Director do Observatório de Paris, legou-nos uma "Carte Routiére de la Cote du Brésil de l'Amazones au Ceará" e a "Carte Routiére de la Côte du Brésil du Ceará á Bahia", além de outra "La baie du Ceará", adoptada, como aquelas, pelo Almirantado Inglês. Gengembre fez parte das duas Comissões de Açudes e Irrigações e revelou-se entusiasta propangandista do plantio da amoreira e da criação do bicho da seda em nosso Estado.

Não poucos cientistas da França estudaram a nossa fauna, a flora, os minerais, os nossos fenômenos telúricos. F. Chabrillac publicou "Sur quelgues poissons fossiles de la Province de Ceará au Brésil", incluído nos Comptes Rendus de l'Academie des Sciences de Paris, 1844. Pierre Denis é autor de "Le Ceará", publicado nos Annales de Geographie de Paris, com interessantes considerações sôbre as secas e suas consequências. Paul Walle, em comissão do Ministério do Comércio da França e da Sociedade de Geografia Comercial de Paris, aqui esteve em 1910 e registou as suas impressões de viagem no livro "Au Brésil, Etats de Parahyba, Rio Grande do Norte et Ceará", 1912, no qual combate a versão errônea de que o norte do Brasil é insalubre e impróprio á imigração europeia. Jacques Brunet, naturalista, viajando a espensas próprias a despeito de pobre, muito investigou das nossas coisas materiais. Joanny Bouchardet, engenheiro civil, depois de ter percorrido o território cearense, escreveu "O problema do Norte, sua solução" e "Solução radical e científica do Problema das Secas", Rio, 1915. Por último pode ser citado Henrique Morize que, embora na-

turalizado brasileiro, nascera em Beaune, Côte d'Or, tendo feito na França a sua educação primária e secundária: esteve em comissões científicas no Ceará em 1893 e 1919, examinando fenómenos astronômicos e instalando estações metereológicas.

E não pode ser omitida uma referência a L. F. Tollenare que, aportando em 1816 em Pernambuco, onde passou a morar, fez viagens de observações de ordem comercial e geográfica e as enfeixou nas conhecidas "Notes Dominicales", encontradas em original na Bibliotéca de S. Genoveva em Paris e, mais recentemente, dadas á publicidade na Rev. do Inst. Arqueológico e Geográfico pernambucano. Tollenare andou quase os mesmos caminhos do Inglês Henry Koster, autor de "Travels in Brazil", tendo visitado Aracati e Fortaleza.

Todavia, as relações mais estreitas entre cearenses e franceses começariam na década de 1860. Efectivamente, em 1869 fundou-se nesta capital a casa de comércio de Théodore Boris & Irmão, constituída de Alphonse Boris, chegado em 1865 por mar, e de Theodore Boris, que entrou em Fortaleza em 1867, pelo interior, via Icó. Esse estabelecimento de negócios transformou-se no ano de 1871 na empresa Boris Fréres, com a aquisição dos novos sócios Achille Boris, Adrien Boris e Isaie Boris e tendo como sede a capital francesa. Em 78 vem para o Ceará o sócio Isaie e, então, a casa grangeia proporções e prestígio, como que centraliza a desenvolvimento das permutas econômicas da Província, tal o incentivo, o estímulo que pode e sabe introduzir. O nome Boris entra de cheio no comentário de todos os dias sertão a dentro e firma-se no conceito geral, considerado, respeitado como se fora uma garantia, uma confiança. O espírito popular começou a chamar o Oceano de "açude do Boris", a qualquer dúvida que surgisse num negócio o gracejo é que ela seria resolvida pelo Boris. Á justiça mesma deram a alcunha de "mãe do Boris", para significar que até nos tribunais a empresa era influente. A personalidade de Isaié Boris, já feito Agente Consular da França e depois Vice-Consul Francês, alteou-se dominante na consideração do comércio, da sociedade de Fortaleza, dos poderes públicos. Quando o governo cearense, num esforço de solidariedade nacional, deliberou organizar o mostruário dos produtos locais a ser presente á Exposição Internacional de Chicago em 1892-93, tarefa que exigia forte espírito de articulação e catálise, foi a Isaié que a administração estadual confiou o êxito do certame, apesar de suas ponderações de que, como estrangeiro, não devia caber-lhe a presidência da Comissão Organizadora. E o "Catálago dos Produtos Cearenses na Exposição de Chicago" é bem o documento da sua operosidade equilibrada e do seu poder da captação do apreço dos outros.

Com o afastamento de Isaie Boris continuaram a tradição e o renome da Casa com o Comendador Achille, outra alma de nobreza ímpar. A tal ponto chegou a actuação dos Boris que não só uma vez teve a

Fazenda do Estado de precisar de seu financiamento, para atender a momentaneas deficiências de numerário nos seus cofres. E, não obstante isto, também não raramente foram malsinados, apontados como argentários, o que em verdade eram gratuitas imputações de quem não falava pela boca da sensatez, ou por completo ignorava o cavalheirismo, a grandeza de coração daqueles veros amigos do Ceará.

Por via dessa ingerência benéfica da Casa Boris nos nossos negócios comerciais, gradualmente cresceu entre nós a influência francesa que — muito bem o salientou o cronista Hugo Vitor — se tornou assoberbante, acentuando-se ainda mais com as viagens, á Europa, de várias individualidades cearenses, algumas acompanhadas da família e de preferência procurando a França, onde ás vezes se demoravam meses e anos, mandando, não raro, os filhos a ali se educarem e até com francesas se casando." Muitos são os cearenses que se graduaram na França, médicos e engenheiros, e vários desposaram damas francesas, como são os casos do Barão de S. Leonardo e o do Barão de Camucim. O primeiro destes, Leonardo Marques Brasil, casou-se com a parisiense Aline Gauthier, que dessa maneira veio a ser a Baronesa de S. Leonardo, falecida em 1904 e deixando progénie ilustre. O outro, Geminiano Maia, de Aracati, contraiu núpcias também com uma parisiense — Rose Nini Liabastres, que se tornou a Baronesa de Camucim, falecida em 1916 e, como aquela, legando-nos uma geração de alto destaque social.

Será então de relembrar neste passo, em forma de parêntese, a figura do Conde Adolphe van der Brule, que viveu longos anos no sul do Estado, no Cariri, e lá morreu, filho do Conde Ildephonse Pilo Jevaule, um dos directores do Banco de França. Nascido em Paris pertencia, no entanto, como titular, á nobreza belga, privilégio que a sua família herdara de seus maiores por mercê do rei Leopoldo da Bélgica em recompensa a serviços por eles prestados. Uma aventura qualquer, ao que parece nunca esclarecida, fê-lo vir para o Brasil e foi na cidade de Juazeiro, sob a égide do Padre Cícero Romão Baptista, que van der Brule contou os últimos lustros da existência.

Também requerem menção especial as actividades, por longos tempos em Fortaleza, do professor Louis Vergeot, como correspondente-redator de "Le Journal", de Paris, e da "Revue Franco-Brésilienne" nos Estados de Pernambuco, Maranhão e Ceará, e delegado da "Alliance Française", destinada á propagação da língua francesa nas Colónias e no Estrangeiro; e as de Norberto Golignac, que mantinha excelente serviço de carruagens de luxo, para casamentos, passeios e batisados, naquelas eras em que não rodavam os automóveis e o transporte urbano se fazia pelos veículos da Companhia Ferro-Carril, arrastados por burros e, pois, nunca fora das linhas ou trilhos por onde passavam.

Ao lado de outras casas comerciais pertencentes a franceses, que sucessivamente se abriam, tais como as de Gradvohl Fréres, Levy Fréres, Benoit Levy & Dreyfuss, Reishofer Fréres, Clement Levy & Cia., Félix Liabastres & Cia. — o toque francês pronunciava-se muito nitidamente na denominação de muitos estabelecimentos de firmas cearenses, assim como estes: "Au Phare de la Bastille" (casa de modas), "Louvre" (talvez a mais luxuosa de instalações), "Bon Marché", "Grande Nouveauté de Paris", "Haute Nouveauté de Paris," "La Ville de Paris," "Notre Dame de Paris," "Corbeille de Fleurs," "Rendez-Vous des Dames" "Rendez-Vous des Amis", "Hotel de France", "Hotel de l'Univers" "Art-Nouveau", "Riche" (Café), "Torre Eiffel" — tudo vendendo artigos da indústria francesa: modas, tecidos, sapatos, chapéus, conservas, vinhos, bebidas e licores, drogas farmacêuticas.

De Fortaleza ampliou-se a influência ao Aracati, o outro então bom porto das nossas exportações. Lá começaram os irmãos Benoit e Natalino Levy e Jacques Klein, aqueles os iniciadores da exportação de peles ou courinhos no Ceará, e este, associado a António Rodrigues Figueiredo, constituindo-se em pouco tempo o nome mais pronunciado da região do Jaguaribe como comerciante de avantajados haveres. Lá é que, idênticamente, se iniciaram Myrtil Levy e Henrique Levy e Myrtil Meyer que, a princípio empregado de Klein, também logrou riqueza e hoje se emparelha aos maiores exportadores de Fortaleza. Ainda existe nos arredores de Aracati o sítio — "Franceses", talvez lembrando a qualidade de dois irmãos possuidores ali de uma pequena indústria de cortume e cujos nomes a tradição perdeu.

Não ficou no terreno das transações comerciais a messe de benefícios que a gente da terra de Alencar tem aurido da presença de naturais da terra de Chateaubriand.

Seria demasiado transpor para as linhas deste despretencioso trabalho os nomes de quantos deles se ocuparam em variadas profissões, quer na Capital, quer no interior, mas nunca se perdoaria o silêncio em torno de dois: primeiramente, o Dr. Mallet, cujo campo de actividades foi a mencionada cidade de Aracati, dando sempre de si, a toda hora e em todos os dias, em favor dos pobres doentes a que socorria, na sua clínica de altruísmo incansável. Afirma o Barão de Studart que o Dr. Millet durante a sua existência ali como clínico nunca teve um insucesso em obstetrícia. Era casado e tinha filhos, mas filhos lhe eram também os seus clientes. Faleceu em 1856, de febre amarela, e, porque não era católico, teve de ser sepultado fora do cemitério, ao lado da igreja Matriz, num túmulo razo com esta singela inscrição no mármore simples: — "Dr. Mallet". A outra referência, por justiça estrita, será ao Dr. Pedro Théberge, também médico, nascido em 1811, em Marcé, na antiga Normandia. Quando resolveu morar no Brasil trouxe a esposa, Maria Angélica Elisa Théberge, da

família Soulé, de Metz, e fixou morada no Recife (1837), onde clinicou vastamente, ao mesmo tempo que mantinha um educandário — o Colégio Espírito Santo, para moças. Em 1845 mudou-se para Fortaleza e aqui montou consultório, mas três anos depois transferiu-se para o Icó, então cidade muito florescente e lá se ficou residindo definitivamente. Amante das coisas cearenses, escreveu estudos sôbre as *secas* e sobre a adopção da fenação e da açudagem como solução aos efeitos delas. Levantou uma "Carta Corográfica da Província do Ceará" (1861) e preparou a custo das mais persistentes pesquisas a primeira tentativa séria de uma sistematização da história do Ceará, publicada em três volumes pelo seu filho, Dr. Henrique Théberge. Homem de iniciativas, incorporou uma companhia de transportes entre o Icó e o Aracati, por meio de carros puxados por equinos, a qual infelizmente não teve efectivação, construiu o "Teatro de Icó" e a Casa da Camara Municipal e executava as obras da construção de um templo católico, quando a morte o surpreendeu, em 8 de Maio de 1864, deixando-as por acabar.

Entretanto, é nos domínios do espiritual e do cultural que se avantaja a estimulação francesa, se considerarmos que receberam o seu influxo directo e criador duas das nossas mais actuantes instituições de ensino e educação — o Seminário Arquidiocesano e o Colégio da Imaculada Conceição, de Fortaleza.

Disse-se, e com toda a justeza, que este Seminário, que é o "*hortus conclusus* onde se cultivam as vocações sacerdotais e se preparam os milicianos para as pelejas da fé, que se espalha por todos os recantos do Brasil, como novos apóstolos da verdade, é também viveiro onde se emplumaram centenas de gerações de intelectuais que honram a cultura cearense e, por que não dizê-lo?, a cultura brasileira." Fora instituído pelo nosso primeiro Bispo, D. Luís dos Santos, como processo e meio de saneamento de um clero em decadência, viciado nas virtudes que lhe deviam inerir, e com este espírito ou sentido foi que se decidiu entregá-lo á direção dos padres lazaristas, de santos dotes e energias construtivas. Veio como primeiro Reitor o Padre Pierre Auguste Chevallier, oriundo de uma família de lavradores e nascido em Saint Riquier, Somme, em Setembro de 1831. Quase trinta e sete anos durou a sua gestão — de 1865 a 1901. Morreu com 70 anos de idade e 49 de vocação. Laborioso e bom, valeu uma eficiência. Compreende-se fácilmente como se identificou ao seu Seminário e ao Ceará, que amava extremadamente.

Substituiu-o o Padre Jules Simon, de não menores virtudes e de grande talento. Nascera em Moulons, no mês de Outubro de 1856, e no dia 21 de Janeiro de 1891 chegou a Fortaleza. Antecedera-o a notícia do seu renome, da sua bela presença física, da sua fineza de espírito, de sua pujança oratória. E, depois, quem assim esperava viu que eram ainda maiores esses atributos. O Seminário entrou em renovação geral e es-

plendorou. Chevallier tivera um continuador cheio de fortaleza e aptidão. Estendeu-se por 15 anos o seu Reitorato. Faleceu no Rio de Janeiro em Maio de 1920.

Ao Padre Simon seguiu-se o Padre Vincent Péroneille, natural de Cette, no sul da França. Em nada desmereceu dos outros, na sua administração começada em 1892. Chamaram-lhe de "o primeiro Seminarista", tal a sua regularidade de funções directoras e tal a sua comunicatividade com os discípulos. Fora transferido em 1903 para o Maranhão, a fim de reorganizar o Seminário dali, porém voltou em 1909. Foi um admirável gestor.

Outros padres franceses serviram eficazmente ao Seminário: o Padre Bertrand Marie Prat, de Paniers, musicista; Arcadio Dorme, de Fontaines-Demis, Marne, naturalista; Louis Dinet, de Angoulême, historiador; Jean Louis Dumalard, de Marseille; Thiago Palaysi; Emmanuel Dupis, de Mont de Marsan; François Couturier, de S. Julien de Bibost, perto de Lion; Léon Peyré, de Bayonne; Victor Boullard, de Paris.

O Colégio da Imaculada Conceição há produzido maravilhosamente: uma cornucópia das mais belas flores a derramarem-se até as mais longínquas distancias do nosso Estado. Desde os inícios do Collégio que afluem para ele moças das mais afastadas cidades, como por exemplo a do Crato, de onde, apesar das cem leguas que o separam da Capital, eram, mandadas em viagens penosas a estudarem, naquela época em que pouco se cuidava da educação e instrução da mulher. Aprimorou-se com ele a educação das nossas famílias refletida do preparo moral e intelectual ali recebido pelas jovens, futuras esposas, futuras mães, futuras preceptoras. Receberam-no, desde a fundação, as filhas de Vincent de Paul e foi isto em 1665. Eram sete as que vieram primeiro: Irmãs Bazet, Gagné, Marie, Cassin, Rouchy, Lecorre e Gonçalves, sómente esta última não provinda da França. A sua chegada, no dia 24 de Julho, pôs em alvoroço a curiosidade provinciana, toda em ansias para conhecer *de visu* como seria uma irmã de caridade, o seu feitio, as suas vestes. "Vencidas as dificuldades apavorantes do nosso porto, muitas vezes maiores do que as de hoje — escreve delicado cronista — as Irmãs dirigiram-se á Igreja da Praínha, onde se entregaram a Deus, e dali para a casa, á Rua Formosa, actual Barão do Rio Branco, que lhes estava destinada, sempre acompanhadas dos dois representantes da autoridade eclesiástica (o Padre Chevallier e o Barão de Aratanha). As Irmãs tiveram que suportar as fadigas que lhes causaram os raios do sol a pino e a areia ardente que lhes escaldava os pés. Naquele tempo Fortaleza tinha apenas três ruas empedradas. Grande foi o pasmo do povo ao defrontar-se com aquela estranha gente: uns se ajoelhavam, outros aproximavam-se, tentando tocar-lhes a indumentária. Nas janelas os moradores se aglomeravam e as crianças, adivinhando as carícias do céu, que lhes traziam aqueles anjos do Senhor, seguiram-nas

em álacre cortejo". Como se sabe, sómente em 1867 pôde o Colégio instalar-se no prédio em que presentemente se encontra — a antiga "Casa dos Educandos", que havia sido levantada para servir de asilo a meninos pobres, mas de logo fechado por falta de verbas para a sua manutenção. Em virtude de muitos acréscimos e reformas introduzidas no edifício, o Colégio da Imaculada é bem o modelo dos institutos do género, materialmente considerado, tal qual o é no que tange á orientação e natureza do ensino que ali é ministrado.

Marguerite Bazet faleceu em 1887 e, desde 1882, fora substituida por Clemence Therese Gagné, de Dijon, desaparecida em Dezembro de 1917. Foi a Irmã Marie Emilie Henriot, parisiense, quem a partir de Fevereiro do ano seguinte recebeu o governo do estabelecimento, detendo-o até a hora de morrer, em Novembro de 1930. Ainda assim não se quebraria a sucessão francesa do Superiorato, pois que veio a ser recebido este pela Irmã Jeanne Mahieu, de Tourcoing, possuidora de qualidades excepcionais de realização e hoje dirigente de um Patronato no Maranhão. Até 1935 permaneceu no Colégio, passando-o então á Irmã Simas, de nacionalidade portuguesa, a actual Superiora. Á dedicada actuação da Irmã Mahieu deve-se a fundação do Patronato da Imaculada Conceição do Pacoti, na cidade deste nome sobre a Serra de Guaramiranga ou Baturité, e que vem proporcionando os maiores beneficios á educação e ensino das meninas e moças daquela região.

Como no Seminário, muitas auxiliares de origem francesa ajudaram, e ainda ajudam, aquela organização exemplar.

E não poderiamos terminar este nosso esquema histórico sem fazer uma alusão muito carinhosa a todas aquelas que, também discipulas de São Vicente, dedicaram a sua vida religiosa á Santa Casa de Fortaleza — o velho e por muito tempo único hospital da nossa cidade. Quantas mãos francesas mitigaram, ali, os sofrimentos de conterraneos nossos e lhes deram lenitivo em momentos dolorosos! Quanta lágrima elas enxugaram e que de gratidões conquistaram no seu anonimato edificante!

Criara-se essa casa de assistência hospitalar em 1861 e a partir de 1870 vem sendo dirigida por irmãs vicentinas. Quatro foram as que chegaram primeiramente: Irmãs Anne Elizabeth Méric, Eleonor Mathilde Benoit, nascida em Bollene, Anne Lamon, de Clois, e Josefa Nunes, esta não francesa.

Méric era natural de Bordéus (1826) e veio como Superiora, tendo sido substituida por Victoire Louise Rouyer, de Neuville, a qual, por seu turno, teve como substituta a Irmã Jeanne Céline Bernier, da cidade de Lille. A esta sucedeu a Irmã Marie Chousioux, dotada de notáveis méritos de energia e inteligência. "Amirável mulher" — disse dela o Barão de Studart. Nascera em Felletin, perto de Bordéus, e havia chegado ao Ceará em 1879. Tendo falecido em Abril de 1901, coube o Supe-

riorato á Irmã Marie Anais Emma Gaboriau, oriunda de Arces, Charrante Interieure, e Superiora até falecer em Outubro de 1915.

É quando vem para o cargo a Irmã Marié Pauline Duhamel, a quem a nossa terra deve soma inestimável de serviços, principalmente por ocasião das secas de 1915-16 e 1919. Era de Rubaix, onde nascera em 1866. Ainda outra francesa esteve ali como directora — a Irmã Dieulangard, conquanto onze meses apenas.

Além destas, outras devotadas freiras se derramaram em desvelos na diuturnidade da Casa de Misericórdia: Rosalie Bernard (Irmã Vicência), de Pery, Haute Loire; Marie Madeleine Lamasjon, de Lupersat; Zélie Rose Ossance, de Vitry; Jeanne Marie Mathurine Julienne, de St. Méen; Chatarine Souron, de Achez; Aurélie Pauline Augustine Aubourg, de Boulogne; Marie Celéstine Martin, de Villefranche; Marie Rose Jeanne François Lecoint, de Langrolay; Jeanne Caroline Faione, de Paris; Marie Louise Metz (Irmã Gabriella), de Gotebourg; Hélene Genévieve Aimer Le Sourd, de Croisic, Loire Inf.; Louise Jeanne Marie Corbel, de Tredaniel; Marcadé Leontine Rosalie, de Montigny; Marie Madeleine Grandnat, de Champelase; Firmine Ismerie Beauvais, de Salouel; Elise Lucréce d'Hauteville (Irmã Rafaela), de Cluny; Chatarine Darroux (Irmã Marta), de Granade Landes; Julie Marie Graud, de Bellister.

* * *

Muita coisa ainda poderia ser lembrada para ilustração desta resenha, mas de certo violentaria os limites, já por demais transigentes, da paciência do leitor.

Ficou desenhado, no entanto, — penso eu — um leve panorama do assunto, uma visada de longe a mostrar que nos são imanentes motivos para contemplarmos com olhos do coração a figura da França distante, com os seus castelos, monumentos e museus, documentando o seu passado de glórias, com os seu campos produtivos e as suas vilas campónias traduzindo a felicidade de um bucolismo amoroso, como as suas cidades agitadas de progresso europeu e assaltadas de turistas, com os encantos das suas mulheres e a delicadeza dos seus perfumes, com o esplendor da sua cultura, com os seus génios, os seus sábios, os seus santos, os seus marechais e grandes ministros, com a sua eterna irradiação de belezas espirituais e de inspirações sublimes — a França!